

10/1/1985

Barrinha adere à greve: oito mil trabalhadores parados.

Ontem foi a vez de Barrinha viver o primeiro dia de greve dos bóias-frias do setor canavieiro, atendendo decisão da assembléia realizada na noite de terça-feira, por aproximadamente 600 trabalhadores. Na pauta de reivindicações, apenas dois itens: piso de Cr\$ 20 mil a diária (atualmente é de Cr\$ 8.300) e recontração dos demitidos por ocasião do final da safra de 84. Barrinha, de 12 mil habitantes, não conta com nenhuma usina, e seus oito mil trabalhadores estão distribuídos pelas usinas Santa Adélia e São Carlos (de Jaboticabal), São Francisco e São Geraldo (Sertãozinho) e São Martinho (Pradópolis).

Desde as quatro horas da manhã de ontem foram montados piquetes nas três saídas da cidade, com os grevistas munidos de pedaços de pau. Não houve, porém, nenhum caso de violência, pois os caminhões que transportavam trabalhadores não forçaram passagem. Apesar do reforço policial, menos de 20 policiais patrulhavam a cidade, acompanhando a distância os piquetes. Até mesmo carros particulares e ônibus intermunicipais foram bloqueados e vistoriados por uma comissão de grevistas. E só eram liberados após a constatação de que não transportavam operários do setor de manutenção das usinas.

Além da contratação imediata de 800 desempregados, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais reivindica a elevação do preço da diária na entressafra, o pagamento dos dias parados e estabilidade no emprego por um ano.

— Se os usineiros não atenderem nossos pedidos, não vamos deixar ninguém ir para os canaviais, e a greve vai pipocar em outras cidades, advertiu José Aparecido da Silva, 36 anos, pai de seis filhos e desempregado há três meses.

Preocupados com uma nova revolta na cidade — como no final de 1983, quando uma multidão de bóias-frias destruiu o prédio da Delegacia de Polícia e incendiou cinco viaturas, numa tentativa de linchamento — os comerciantes fecharam as portas de seus estabelecimentos. Um grupo de mulheres foi até a casa do prefeito Fuad Saleh (PMDB) e exigiu alimentação gratuita para os desempregados, até que eles sejam reabsorvidos nas empresas da região. "Elas queriam que o prefeito vendesse uma fazenda, que ele nem tem, para dar comida a esse pessoal faminto. E nós estamos preocupados com uma guerra", informou um assessor do prefeito.

Os bóias-frias ocuparam a Praça Principal e todas as ruas do centro da cidade. Lembrando ter instituído no ano passado, uma "Lei Seca", determinando o fechamento dos bares mais cedo, para evitar a violência, o prefeito disse que, neste clima de tensão, precisamos ter jogo de cintura para que este pessoal não saqueie nossos supermercados.

Na parte da tarde, três mil trabalhadores reuniram-se no Estádio Municipal e decidiram pelo prosseguimento do movimento, marcando uma nova concentração para hoje às 9 horas. Dizendo acreditar que os empresários não resistirão por muito tempo, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barrinha, José Albertino, 70 anos, explicou: "O salário está muito curto, enquanto os patrões estão ficando cada vez mais ricos".

No final da tarde, apesar da paralisação já ter atingido todos os trabalhadores rurais do município, os grevistas voltaram aos piquetes, armados com porretes, barras de ferro e podões, para controlar o tráfego e confirmar se nenhum veículo havia furado o bloqueio.